

SIMÕES LOPES NETO E PELOTAS: INFLUÊNCIA DA CIDADE NA OBRA REGIONALISTA DO SEU MAIOR ESCRITOR

Mario Osorio Magalhães*

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de analisar a influência que a cidade de Pelotas, terra natal de J. Simões Lopes Neto, exerceu sobre a sua carreira de escritor e sobre a sua obra literária —mais especificamente, sobre a sua opção pelo regionalismo. Pretende provar duas hipóteses: a de que a cidade, valorizando a atividade intelectual, estimulou-o a desenvolver a sua inclinação literária; e a de que, sendo o centro econômico e cultural da região da Campanha —que é o ambiente onde se desenrolam todos os enredos do escritor—, facilitou o seu encontro com a temática rural, embora ela própria, Pelotas, fosse eminentemente urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismo, Literatura, Simões Lopes Neto, Pelotas.

É minha hipótese que Pelotas, a terra natal, desempenhou um papel decisivo, foi absolutamente fundamental para a gestação da obra literária de J. Simões Lopes Neto. A influência que a cidade exerceu sobre a sua vida —seu caráter, seus gostos, seu comportamento, sua “visão de mundo”— teria sido fator condicionante da elaboração dos *Contos Gauchescos*, das *Lendas do Sul* e dos *Casos do Romualdo*: não só permitindo, pelo estímulo, o exercício da sua vocação de escritor, graças a suas peculiaridades históricas; facilitando, em virtude ainda dessas peculiaridades, a opção do escritor pela temática regionalista.

Não obstante —deve-se reconhecer antes de qualquer outra consideração—, Pelotas não figura como elemento, como matéria-prima, como ambiente da sua obra máxima.

Só nas *Lendas do Sul* é que existe, mínima, uma referência explícita a esta cidade... numa nota de rodapé: Simões Lopes Neto identifica o Cerro do Jarau, onde se desenvolve a lenda da Salamanca, como propriedade “da família Assunção [sic], de Pelotas”.

Nos *Contos Gauchescos*, pode-se apenas supor (mas com bastante segurança) que o último episódio dos que compõem a narrativa “Chasque do Imperador” tenha ocorrido em Pelotas: só para reavivar a memória, trata “dum sujeito pesado, porém mui gauchão” que recebe Dom Pedro II em sua casa, numa cidade onde pernoitou a comitiva imperial; esse anfitrião oferece exclusivamente doces como refeição a Sua Majestade, no almoço, no jantar, à noite; quando se faz acompanhar de uma bandeja de doces no café da manhã seguinte, o imperador, que já estava “enfadado”, elogia os doces mas pergunta se ele não teria “um feijãozinho, uma lasca de carne”; o homem surpreende-se e em seguida solta uma risada, confessando acreditar, até então, que “as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pastéizinhos”; convida o augusto hóspede a um churrasco, que ele, também, “não agüenta essas porquerias”. O imperador esteve em Pelotas, numa segunda visita, quando teve início a Guerra do Paraguai, em 1865, época em que transcorre todo o conto; mas sobretudo por causa da fama dos nossos doces é que se pode atribuir a Pelotas, quase sem risco, a ambientação do episódio.

Também nos *Casos do Romualdo* Simões Lopes não inclui, explicitamente, a terra natal. Sabe-se apenas, por informações de contemporâneos, que o cidadão Romualdo, que de fato existiu, era pelotense, chamava-se Romualdo de Abreu e Silva, foi engenheiro da Câmara Municipal e responsável pela urbanização de boa parte da cidade. Grande contador de histórias, propositadamente inverídicas, forneceu os “elementos e sugestões” que permitiram a formidável criação literária de João Simões Lopes Neto.

Enfim, Pelotas pouco aparece, e quando aparece é apenas de forma indireta ou circunstancial, nas obras-primas do seu maior escritor. Ocorre justamente o oposto, por exemplo, na relação entre Machado de Assis e o Rio de Janeiro: embora predomine o psicológico sobre o

* Professor adjunto do Departamento de História e Antropologia/ICH/UFPel, Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: maosmag@uol.com.br

ambiental na obra do autor de Quincas Borba, nenhum escritor é mais cidadão, mais carioca, sem deixar por isso de ser universal. Por sua vez, Simões Lopes é universal sendo regional, e esse “regional” refere-se à região da Campanha, uma das áreas em que se divide o Rio Grande do Sul e que historicamente abrange o município de Pelotas, mas que o exclui, neste caso: a Campanha do universo simoniano é mais a zona da fronteira, sendo eminentemente rural.

Então, se não predomina como assunto, como motivo, como idéia da qual viesse proceder e se desenvolver a composição literária, de que maneira Pelotas contribuiu para a elaboração dos *Contos Gauchescos*, das *Lendas do Sul* e dos *Casos do Romualdo*?

Primeiro, como foi anunciado na abertura, **graças a suas peculiaridades históricas, permitindo, pelo estímulo, que Simões Lopes Neto exercitasse a sua vocação de escritor.**

Tenho a convicção de que Pelotas conheceu o auge do seu desenvolvimento econômico, urbano, social e cultural entre os anos de 1860 e 1890 —sobre essa convicção, construí a minha dissertação de Mestrado. Durante essas três décadas equiparava-se a Porto Alegre (capital do Rio Grande de São Pedro desde 1773), tanto materialmente —em produção econômica, em número de população, em número de prédios, em melhoramentos urbanos— como em termos de sociabilidade e de inteligência: no gosto pelas festas e pelo teatro, no culto à música, às artes plásticas, à literatura.

Simões Lopes Neto nasceu em 1865; em 1890, quando se encerra o período de apogeu, tinha 25 anos, já atingira a maturidade. Residindo permanentemente na cidade natal (com exceção de um breve período em que estudou no Rio de Janeiro), teve oportunidade de forjar o seu caráter e sedimentar o seu estilo literário dentro de um ambiente urbano que tinha muito a oferecer em termos culturais. A então chamada “Atenas Rio-Grandense” haverá, sem nenhuma dúvida, de incentivar o jovem neto de charqueador e filho de estancieiro a aproximar-se da leitura e a extravasar o seu talento artístico através da literatura.

Ser escritor na cidade de Pelotas, entre 1860 e 1890, significava ter prestígio, embora insuficiente para que um homem sobrevivesse —e por isso Simões Lopes Neto exercita primeiro o seu pendor e a sua capacidade de escrever como redator de vários jornais, atividade mal remunerada mas de qualquer modo remunerada. Haverá de elaborar os seus livros já no século XX, fora desse período de apogeu, mas de qualquer modo incentivado por ele. Assim como Álvaro Moreyra, um outro escritor rio-grandense que “sempre optou pela modernidade”, reconhecia que a sua educação sentimental partiu toda do século XIX, pode-se assegurar que o exercício da vocação de escritor do Capitão João Simões foi condicionado, no espaço e no tempo, pela cidade de Pelotas das últimas três décadas do Império brasileiro. Não me parece excessivamente exagerado supor que ele dificilmente teria mergulhado no mundo da criação literária se tivesse nascido e se educado à margem —um pequeno período ou um quilômetro que fosse— desse singular contexto urbano.

Em segundo lugar, conforme antecipei, Pelotas contribuiu para a gestação da obra máxima de Simões Lopes Neto **facilitando, em virtude ainda dessas peculiaridades históricas, o encontro do escritor com a temática regionalista.**

Este argumento, em comparação com o anterior, envolve considerações um pouco mais complexas. Deixei dito, acima, não só que a Campanha do universo simoniano, estando mais referida à região da fronteira, eminentemente rural, exclui Pelotas; afirmei também que a cidade teve o auge do seu desenvolvimento entre 1860 e 1890 porque cultivou, entre outras características, valores de natureza intelectual, que são eminentemente urbanos. Acrescentar, agora, que a opção do escritor pela trama de inspiração regionalista é influência da cidade há de parecer, com toda a razão, bastante contraditório.

Para provar que não, é preciso que me detenha em dois aspectos: primeiro, o que se refere à intensidade com que Pelotas valorizava o urbano na época do amadurecimento intelectual de Simões Lopes Neto; segundo, o que diz respeito aos motivos pelos quais Simões Lopes Neto escolheu assuntos rurais —que no Brasil têm o nome de regionalismo— como assuntos específicos da sua criação literária.

Em Pelotas floresceu, desde cedo, uma sociedade cheia de interesse pelas coisas do espírito e pelos encantos da sociabilidade em virtude da sua própria formação econômica: a indústria do charque, ao mesmo tempo em que proporcionou a concentração de riquezas, permitiu o lazer, tendo em vista a sua curta safra, que ia apenas de novembro a abril, a metade mais quente do ano nestas planícies do Sul; com parte do tempo desocupado e o charque vendido a altos preços nos mercados, os charqueadores puderam se dedicar, mais folgadoamente do que os habitantes do resto do Rio Grande, às diversões, aos banquetes, aos teatros; fizeram com que os seus filhos —muitos dos quais estudaram no Rio de Janeiro, em São Paulo, nos Estados Unidos, na Europa— crescessem no convívio dos livros e na “escola galante” dos salões, fazendo

discursos e cortejando damas que, na impressão do viajante Nicolau Dreys, “nada ficavam devendo às mais graciosas parisienses”. A classe média, de modo significativo, seguiu ou tentou seguir esse exemplo.

Emblemática dessa contextualização histórica (aqui simplificada resumida) é uma pequena crônica que encontrei nas páginas do jornal *A Pena*, um semanário que se editou em Pelotas no ano de 1884 (quando Simões Lopes Neto tinha 19 anos). Anunciando a proximidade das férias, comenta o cronista anônimo:

As leitoras já vão preparando os seus vestidos de chita, simples porém porventura mais elegantes que essas custosas muralhas de seda e cachemiras, armadas com imensos puffs, com que a alta sociedade paga o seu tributo à vaidade mundana.

Em menos de um mês a cidade será quase completamente abandonada pelo sexo das graças, que vai rejuvenescer com os ares saudáveis da serra...

Enquanto as leitoras gozam estas suaves delícias, nós, os rapazes, passamos a semana toda atribulada, no meio deste burburinho confuso da cidade, aguardando ansiosos o dia que o criador dos mundos destinou para o descanso... e que, entretanto, nós, os mortais, fazemos justamente o contrário: destinamos ao cansaço, às fadigas excessivas dos pagodes delirantes.

E como as leitoras cortesãs transformam-se em serranas, nós tornamo-nos gaúchos, ou pelo menos temos esta presunção ao sairmos no domingo por estes campos afora, com o pala aberto sobre os ombros, o lenço a tiracolo, a deitar fanfarronadas ridículas, capazes de provocar o riso ao mais ingênuo dos patricios.

Observem-se especialmente as expressões: semana atribulada, burburinho confuso, fadigas excessivas, pagodes delirantes... O cronista, sem dúvida, tem a impressão de que vive o seu cotidiano em uma grande metrópole. E era isso Pelotas, de fato, no imaginário dos pelotenses da segunda metade do século XIX. O mundo rural que conheciam era a Serra dos Tapes, mais precisamente a Cascata, onde não existiam estâncias, mas apenas chácaras, para as quais se dirigiam nas férias transportando a sua cultura impregnada de influência francesa, bastante distante dos hábitos gauchescos que Simões Lopes Neto haverá de immortalizar, quase trinta anos depois, nos seus contos e lendas. No meio urbano, é certo que não costumavam, por exemplo, tomar mate ou vestir-se a caráter, atitudes comuns nas cidades da fronteira. E ao imitarem, eventualmente, o comportamento dos *patricios* (mesmo tratamento, aliás, com que Simões Lopes Neto inicia os *Contos Gauchescos*), compreendem que lhes haveriam de provocar o riso, já que suas “fanfarronadas”, com certeza, lhes pareceriam “ridículas”.

Por que, então, o intelectual pelotense, jornalista e teatrólogo João Simões Lopes Neto, da ilustre estirpe do Visconde da Graça (titular do Império e charqueador), resolveu um dia se interessar por histórias que tratavam desses, por assim dizer, estranhos *gaúchos*?

A resposta exige que se mencionem alguns dados biográficos. Sabe-se que Simões Lopes nasceu na Charqueada da Graça, propriedade do avô, na época dirigida pelo pai, Catão Bonifácio. Quase todas as charqueadas pelotenses eram pequenas propriedades rurais, produtivas indústrias, fábricas de salgar carne —bastante diferentes, em todos os aspectos, das estâncias da Campanha rio-grandense, latifúndios destinados à criação de gado. É certo que a Graça, fugindo à regra, não era uma charqueada-padrão, por ser mais extensa do que a maioria e ter uma lotação de mais ou menos mil reses; mas também não pode ser classificada de estância, segundo o modelo do século XIX. Era mesmo um estabelecimento fabril, especificamente dedicado à industrialização da carne, servindo-se do trabalho escravo; apenas, como outras poucas charqueadas, funcionava numa propriedade rural de dimensões médias. O gado que criava era insuficiente para suprir de matéria-prima (cerca de vinte mil cabeças) todo o charque que produzia.

Mais tarde, entre 1882 e 1894, Catão Bonifácio administrou uma estância do Visconde, no município de Uruguaiana (adquirida, com certeza, para abastecer em parte a sua indústria de Pelotas): a Estância São Sebastião, que tinha quatro léguas de campo e nove mil cabeças de gado. Supõe-se (não existem evidências concretas) que o adolescente João Simões Lopes Neto transferia-se para Uruguaiana durante as férias escolares. Confirmada essa hipótese, não seria difícil concluir que lá, justamente na região da fronteira, muito mais que na Charqueada da Graça, experimentou os hábitos e costumes e escutou algumas das histórias que o armariam para escrever, mais tarde, os *Contos Gauchescos* e as *Lendas do Sul*.

Essa conclusão viria, aparentemente, contrariar uma idéia, da qual eu próprio compartilho: a de que João Simões Lopes Neto, quando escreveu a sua obra de ficção, voltou os olhos para a infância vivida na Charqueada da Graça, uma época “despreocupada e risonha”, ao contrário dos anos posteriores, que foram atribulados, marcados por dificuldades financeiras e fracassos comerciais. Parece-me que foi assim; que a inspiração para a escolha do tema tem as suas raízes no cenário bucólico da infância, no ambiente rural da Graça, nas adjacências de Pelotas. Mas a experiência para tratar o tema só haveria de se completar na mocidade, nos dias passados em Uruguaiana.

O contraste entre os dois ambientes —o da Charqueada da Graça e o da Estância São Sebastião—, no que se refere aos hábitos campeiros, pode ser surpreendido num testemunho que, acredito, tem a maior autoridade. Em 1930, João Simões Lopes, tio de Simões Lopes Neto mas nove anos mais moço do que ele (lembre-se que o Visconde da Graça casou duas vezes e teve 23 filhos), escreveu um livro de memórias, até o presente inédito. (Tive acesso ao manuscrito graças à gentileza da escritora e muito querida amiga Hilda Simões Lopes Costa.) A uma certa altura, o memorialista descreve uma viagem que fez, na companhia do Visconde, até a estância de Uruguaiana, em 1890, quando era administrada por Catão Bonifácio. Todo o capítulo é primoroso, mas observe-se a surpresa do autor diante dos hábitos e costumes que presenciou na estância, bastante diversos de tudo o que já assistira no meio rural, ele que também vivera, como o sobrinho, na Charqueada da Graça e numa chácara que o Visconde possuía no município de Pelotas, no chamado Retiro:

Nunca mais esquecerei os costumes verdadeiramente gaúchos que vi em Uruguaiana, na estância de meu pai. Nos dias de rodeio juntavam-se para mais de cem pessoas das vizinhanças que vinham auxiliar os trabalhos das marcações, apartes, benefícios, faturas de tropas etc. Esse pessoal era todo composto de homens gaúchos muito campeiros, entre os quais apareciam famosos ginetes domadores! Eu nunca havia visto gente tão completa para o serviço de campo! Meu pai mesmo, homem muito prático, surpreendia-se e felicitava o meu irmão Catão pelo excelente pessoal que lhe aparecia com o fim de auxiliar sem interesse de ganho!

Com esses “homens gaúchos muito campeiros” é que J. Simões Lopes Neto, quando escritor, demonstrou profunda afinidade, transformando-os em personagens da sua obra. Não se identificará com eles, porém, como pessoa, entendendo-se a expressão no sentido sociológico, do indivíduo composto por sua personalidade social e sua mentalidade cultural. Ao invés de ser um gaúcho típico, como foi o pai Catão Bonifácio, o capitão João Simões, da Guarda Nacional, era o protótipo do cidadão pelotense, um homem refinado, um intelectual, parecendo-se muito mais com o avô, que, além de visconde, tinha alguma leitura e, embora proprietário rural, residia num imponente casarão da rua Quinze, onde é hoje a Casa da Criança São Francisco de Paula.

Simões Lopes Neto fumava o cigarro “crioulo” *retovando* a palha com uma folha de alcatrão, para não lhe sentir a aspereza. Metaforicamente, pode-se interpretar que, no fundo, gostaria de ser como o pai, que tanto amava (e a quem dedicou os *Contos Gauchescos*), e como os trabalhadores rudes da Campanha, que tanto admirava; mas, por temperamento, era conduzido a recobrir esse íntimo com o papel social do homem civilizado, culto, cavalheiresco. Felizmente para a sua glória, essa dicotomia acabou por se refletir na sua obra: de um lado, a rusticidade do assunto; de outro, o seu tratamento, por meio da poesia, da elegância e da correção do estilo literário.

Aliás, com a única exceção de Catão Bonifácio, os hábitos gauchescos não chegaram a influir sobre o comportamento dos filhos do Visconde: eram todos homens de cidade, quase todos se formaram em escolas de ensino superior, um deles foi deputado federal em sete legislaturas e ministro da Agricultura, outro foi deputado constituinte e senador da República.

Os hábitos gauchescos —repto— não influíram, de modo geral, sobre o cotidiano dos pelotenses do século XIX. É que a “Princesa do Sul”, tendo origem diversa da maioria das cidades gaúchas, formou desde cedo uma civilização caracteristicamente urbana. Nada mais natural, numa sociedade desse tipo, que os valores predominantes fossem os relacionados com as artes, com as letras, com as ciências.

Mas, por outro lado (e aqui toco no ponto crucial de toda esta questão), considerando-se que o progresso de Pelotas era dependente da produção pecuária da Campanha, fazendo ao mesmo tempo com que Pelotas funcionasse como capital econômica dessa região, também era lógico que a cidade se convertesse em núcleo coordenador —no sentido intelectual— das tradições rurais da Província. Explica-se assim a criação da Faculdade de Agronomia, em 1883, a mais antiga do Brasil; a fundação da União Gaúcha, o mais antigo centro de tradições do Estado, em 1899. Explica-se assim, pelo menos em parte, a opção regionalista de João Simões Lopes Neto, como se explica a possível primazia de Bernardo Taveira Júnior, professor em Pelotas, com relação ao tratamento poético do que ele próprio chamava de “assuntos campeiros”.

Finalmente devo confessar que, conforme me parece, talvez este último aspecto —o encontro do escritor com a temática regionalista— não seja um processo exclusivamente local. Tratando da mesma literatura gauchesca, mas na poesia de língua hispânica, o escritor argentino Jorge Luís Borges, num dos seus famosos *Prólogos*, faz as seguintes considerações, que se podem aplicar sem nenhuma distorção às obras de Taveira Júnior e J. Simões Lopes Neto: “É costume atribuí-la ao gaúcho; é como se quiséssemos atribuir a arte do retrato ao rosto das pessoas. O gaúcho é a matéria dessa poesia, não seu inventor.”

Mais adiante, ele diz: “Estanislao del Campo ou Hernández [...] certamente não eram gaúchos. Eram, como é notório, homens da cidade de Buenos Aires que se haviam compenetrado dos hábitos e da linguagem da planície”.

Jorge Luís Borges, afinal, estava tão convencido deste argumento que, num outro texto, chegou a reforçá-lo, escrevendo:

Originar a literatura gauchesca de sua matéria, o gaúcho, é uma confusão que desfigura a notória verdade. Tão necessário para a formação desse gênero quanto a pampa e as coxilhas foi o caráter urbano de Buenos Aires e de Montevideú. As guerras [...] fizeram com que homens de cultura civil convivessem com a gauchada; da ocasional conjugação desses dois estilos de vida, do assombro que um produziu sobre o outro, nasceu a literatura gauchesca (BORGES, 1996, p. 85).

Num dos seus aspectos, portanto, a minha hipótese parece que perde em originalidade. Mas ainda assim ganhamos, os pelo-tenses, ao constatar que a pequenina Pelotas desempenhou, na literatura de língua portuguesa, a mesma função, o mesmo papel criador que um dia coube, na literatura espanhola, às duas grandes capitais do Prata.

ABSTRACT: The current article has the aim to analyse the influence that Pelotas, J. Simões Lopes Neto's birthplace, exerted on his career in writing and on his literary work –more specifically on his option of regionalism. It intends to prove two hypotheses: the city, appreciating the intellectual activity, stimulated that industrial's son to develop his literary fluency; and, it being the economical and cultural center of country region –which is the ambient where all the writer's plots unfold- made easy his engagement with the rural theme, although Pelotas, itself, was eminently urban.

KEY WORDS: Regionalism, Literature, Simões Lopes Neto, Pelotas.

Referências bibliográficas

BORGES, Jorge Luís. *Obras Completas* (vol. IV). Espanha: Editorial Emecé, 1996.

LOPES, João Simões. *Memórias* (manuscrito inédito), 1930.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1961.

LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Globo, 1952.

MAGALHÃES, Mario Osorio. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Edufpel/Livraria Mundial, 1993.

MOREYRA, Álvaro. *As amargas não...* Rio de Janeiro: Lux, 3. ed., 1955.

Pena (A). Pelotas, nº 19, 16 de novembro de 1884.

REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional*. Porto Alegre: UCS/ Martins Livreiro, 1981.